



QUAIS CARACTERÍSTICAS DE IDENTIDADE A GERAÇÃO Y VÊM CONSTRUINDO?

Jussara Doretto Benetti do Prado¹

Daniely Dias Pacheco²

Resumo: O presente escrito tem por objetivos investigar e descrever as expectativas da juventude atual em relação ao seu futuro pessoal e profissional, para tanto, buscou-se compreender a identidade da Geração Y. O estudo foi realizado através de uma pesquisa bibliográfica, dando preferência aos conteúdos elaborados nos últimos cinco anos. Sabe-se que uma das características das novas gerações é a manifestação de um *modus vivendi* diferenciado daquele apresentado por gerações anteriores, portanto, traçou-se como objetivos específicos definir o conceito de geração e as gerações existentes após a 2ª Guerra Mundial, contextualizar o cenário histórico destas, compreender as razões dessas mudanças comportamentais entre as gerações e desvendar a identidade da Geração Y. Indivíduos nascidos em uma mesma época e que vivenciam as mesmas mudanças se tornam uma geração; cada uma possui suas próprias características, devido à cultura de sua época e aos acontecimentos experienciados. Foi possível perceber que a Geração Y é uma geração voltada ao próprio prazer, que vivencia sofrimentos e frustrações ao mesmo tempo em que busca evitar incessantemente tais sentimentos, devido ao simples fato de não conseguirem lidar com tal gama de emoções. Mas além disso, a Geração Y é uma das primeiras gerações que se preocupam com a saúde mental, a importância do seu próprio psicológico no desenvolvimento de sua vida pessoal e profissional.

Palavras-chave: Psicologia. Geração. Juventude. Identidade. Cultura.

1 INTRODUÇÃO

A cultura é resultante de múltiplas ações de um conjunto de indivíduos, e dentro dessas ações, se constrói um modo de ser sociedade elaborando a cultura de uma época e moldando o homem desse tempo. Ao sermos moldados pela cultura, adquirimos características que acreditamos ter nascido conosco; e estas

¹ Acadêmica do 9º período do curso de Bacharelado em Psicologia da Faculdade Sant'Ana – IESSA. jussaradbprado@gmail.com

² Mestre em Educação, Psicóloga e Docente do curso de Bacharelado em Psicologia da Faculdade Sant'Ana – IESSA. danypsi@ig.com.br

características são produzidas pelas reações ao longo do tempo. Se compararmos duas gerações iremos perceber que a anterior não se comporta como a posterior (LARAIA, 2009; BENEDICT, 2013).

Sabe-se que as mudanças nos padrões de comportamento social não acontecem ao acaso, mas em consequência de modificações na própria tessitura social. Novas descobertas nos campos da ciência, política, economia, tecnologia, sociologia, antropologia, medicina, educação, psicologia e de tantas outras fontes de saber e de conhecimento concorrem para a promoção das mais variadas modificações no estilo de vida de uma geração (LARAIA, 2009; BENEDICT, 2013).

Existem profundas e irreversíveis mudanças em curso na juventude atual e é preciso compreendê-las para melhor convívio com tais jovens, seja no contexto social, familiar, escolar, profissional, entre outros. Como parecem ser inevitáveis, a exemplo das mudanças já ocorridas nas gerações passadas, faz-se necessário compreendê-las e as suas causas para que as relações entre as diversas gerações que convivem no espaço-tempo de uma vida possam ocorrer do modo mais consciente e saudável possível.

A partir desse prisma, parece razoável supor que é mais produtivo abrir-se para tal fenômeno, compreendendo-o em profundidade e assim aproximando-se de um convívio onde o respeito e a aceitação tomem o lugar do popular conflito de gerações, ao invés de resistir às inegáveis mudanças nos padrões de comportamento das novas gerações, agarrando-se aos velhos costumes, abrigando-se no conforto do que já é conhecido.

É a partir desse cenário que se parte em busca da compreensão do ideal de futuro e da identidade que a juventude da geração atual está construindo, além de abarcar os propulsores que levam tais jovens a agirem de determinada maneira. Para isso, a pesquisa se desenvolveu através de uma revisão teórica que consistiu em uma análise de livros, artigos e periódicos científicos acerca do tema em questão, dando preferência para conteúdos elaborados a partir do ano de 2012 (GIL, 1991; RUIZ, 2002). Buscou-se conceituar o que aqui se denomina geração, além de classificar as gerações que surgiram após a 2ª Guerra Mundial, marco histórico tomado como referência no presente escrito; contextualizar o cenário socioeconômico e cultural/social vivido por essas gerações no Brasil, a fim de propor uma resposta à pergunta inicial do trabalho: Quais características de identidade a Geração Y vêm construindo?

2 CONCEITUANDO O TERMO GERAÇÃO

Para iniciar o texto, buscar-se-á responder à questão: *O que significa geração?* De acordo com o Dicionário Aurélio (2017) e Bechara (2011), a palavra geração possui os seguintes conceitos: Grau de filiação de pai a filho; um grupo de pessoas que nasceram na mesma época; o espaço de tempo, calculado em aproximadamente 25 anos, que separa cada um dos graus de uma filiação; e uma fase que ocorre uma mudança no comportamento humano. Para além das versões dicionarizadas, Ladeira, Costa e Costa (2013) referem que o conceito de geração envolve também pessoas que foram modeladas em uma determinada época pelo mesmo tipo de influência educativa, política e cultural, ou que vivenciaram e/ou foram impressionadas pelos mesmos eventos, com isso se desenvolvendo e perpetuando valores em comum.

Na mesma linha de raciocínio, o conceito de geração de Mannheim (1928), nos permite fazer referência ao conjunto de indivíduos que nasceram em uma mesma época, vivenciando os mesmos acontecimentos sociais e históricos ao longo de sua formação e crescimento, e que possuem interesses, posicionamentos e comportamentos em comum. Isso não indica uma uniformidade de pensamentos, mas uma referência em comum que se coloca na realidade objetiva de tais indivíduos que, não necessariamente, têm consciência da existência desse posicionamento.

Ao se analisar o termo *posicionamento* trabalhado por Mannheim (1928, grifo nosso), pode-se ver que, além de restringir as ações de uma determinada geração, eliminando possíveis formas e maneiras de vivência e limitando o espaço de ação de cada um (de acordo com o que é possível no contexto de sua geração), ele também orienta, estruturando as ações em sentido às tendências existentes para determinadas maneiras de se comportar, pensar e sentir. Esse conceito fica mais claro quando pensamos na contextualização de cada geração, conforme veremos em um tópico posterior.

Quando nos aprofundamos na pesquisa sobre o tempo que determina a visão de uma geração para outra, nos deparamos com um problema: encontramos autores afirmando que o tempo de corte de uma geração para outra é de 15 anos, enquanto outros alegam ser de 25 ou 30 anos. De acordo com Mannheim (s/d apud WELLER, 2010), para que possamos determinar o tempo médio que separa uma geração da outra, temos de encontrar um ponto onde se dá um corte na história, para que assim

iniciemos a contagem das gerações. Diante disso, decidiu-se determinar como ponto inicial a 2ª Guerra Mundial, que ocorreu entre os anos de 1939 e 1945.

Após a referida Guerra, houve um aumento populacional considerável. De acordo com Bechara (2011) e Marchetti (2013), tal geração foi denominada de *Baby Boomers*, sendo constituída de indivíduos nascidos de 1946 a 1964, que vivenciavam o otimismo do final da guerra, valorizando a família além do trabalho. Cresceram acostumados com o fato de terem de trabalhar duro para alcançar seus objetivos, mas sempre focando na qualidade do trabalho ao invés da quantidade de empregos. Valorizavam as carreiras longas, eram leais às instituições e muito disciplinados.

As mulheres dessa época ainda não possuíam espaço dentro das organizações, especialmente nas regiões mais ricas, onde a prioridade deveria ser a casa e os filhos. Nas regiões pobres, em qualquer país que se tenha notícias, as mulheres se inseriam no mercado de trabalho para complementar a renda familiar, e em casa possuíam a dupla jornada de trabalhos domésticos (BECHARA, 2011; MARCHETTI, 2013).

A geração seguinte, mais conhecida como geração X, era constituída de indivíduos nascidos entre 1965 e 1980, os filhos dos *Baby Boomers*, e que possuíam desejos de contradizer os modelos instituídos pelas gerações anteriores. Esse período foi caracterizado por mudanças intensas, provocando uma ruptura de ideologias com as gerações anteriores, e os sujeitos foram em busca de seus direitos e sua liberdade. As mulheres começaram a se integrar e se destacar no mercado de trabalho. Por terem pais trabalhando fora, cresceram mais autônomos. Essa geração já não via mais vantagens em trabalhar em um mesmo emprego por muito tempo, além de desenvolver habilidades para com a tecnologia e apresentar características empreendedoras (BECHARA, 2011; MARCHETTI, 2013).

Os nascidos entre 1980 e 2000 constituem a Geração Y, a geração do milênio, também chamados de *Millenials*, uma geração de muitas habilidades com diversas formas de tecnologia. Tal geração passou boa parte de sua vida conectada a um computador e/ou à internet, fosse para estudos ou para socializar com as famosas ferramentas de busca e redes sociais: *Google, Facebook, Whatsapp, entre outras*³.

³ O conceito de rede social da internet diz respeito à sites, onde as pessoas criam perfis/identidades próprios e se relacionam com outras pessoas, unindo ideias e recursos em relação à valores e interesses em comum. As redes sociais podem operar em diferentes níveis, como por exemplo, redes de relacionamento como o *Google+, Youtube, Orkut, Twitter, Instagram, MySpace e Facebook*; e redes profissionais com conteúdos exclusivos de caráter profissional como o *LinkedIn*. O

Devido a tais ferramentas, procuram informações fáceis e imediatas, compartilham tudo o que é seu, como dados, fotos e hábitos e estão sempre em busca de novas tecnologias. Se importam em fazer o que gostam e de ter tempo para isso, seja para jogar *on-line* ou discutir diversos assuntos na internet (BECHARA, 2011; CALLIARI; MOTA, 2012; MARCHETTI, 2013; FALASTER; FERREIRA; REIS, 2014).

Fazendo uma comparação, os *Baby Boomers* e a geração X possuíam maior capacidade de se abster de conforto e de aceitar algumas privações a fim de alcançar seus objetivos, o que não costuma ocorrer com a geração Y, que não aceita facilmente as tarefas rotineiras e os desafios que encontra pelo caminho, além de não quererem que o trabalho domine suas vidas. E fazem tanta coisa ao mesmo tempo, como trabalhar, estudar, navegar na internet, assistir televisão, ouvir música etc... Que podemos supor que um dia para eles equivale a praticamente dois (BECHARA, 2011; CALLIARI; MOTA, 2012; MARCHETTI, 2013; FALASTER; FERREIRA; REIS, 2014).

Importa mencionar que a geração em si não é um grupo concreto, isto é, não precisa que seus membros tenham consciência disso para existir. De acordo com Mannheim (1952), dentro de cada geração há unidades da geração, constituídas através das similaridades de situações vividas por vários indivíduos dentro de um todo social. Se não existisse uma interação social entre os homens, uma estrutura social definida e a continuidade da história, a geração não iria existir como um fenômeno social, apenas nascimento, envelhecimento e morte. A consciência geracional pode mostrar como os sujeitos reprocessam as continuidades e descontinuidades da história, e como se dão como base para a elaboração e laços entre gerações diferentes (FEIXA; LECCARDI, 2010).

Contudo, a maioria das conceitualizações sobre as gerações nascidas após a 2ª Guerra Mundial são oriundas da América do Norte e/ou Europa. Mas, e aqui no Brasil? O que pode ter acontecido para que nossos jovens de hoje ajam da maneira que vêm agindo? Para seguirmos nossa construção, precisaremos contextualizar a versão brasileira das gerações citadas anteriormente.

Google e o *Yahoo* se caracterizam como buscadores, ferramentas que auxiliam o indivíduo a pesquisar sobre qualquer tipo de conteúdo. Já o *MSN*, *Gtalk*, *Skype*, *Messenger*, *Viber*, *Telegram* e *Whatsapp* são comunicadores instantâneos, onde as pessoas podem trocar mensagens, arquivos (fotos, músicas e documentos) e compartilhar links, além de poderem realizar ligações de voz e vídeo em alguns desses aplicativos (SOUZA COSTA, 2011; FERREIRA, 2013; NERI, 2015; SANTOS et al, 2015).

3 CONTEXTUALIZANDO OS CENÁRIOS DAS GERAÇÕES NO BRASIL

Como citado anteriormente, o recorte temporal definido corresponde ao período posterior a II Guerra Mundial, a partir disto, busca-se contextualizar as experiências vividas pelas gerações já conceituadas no Brasil. Além disso, na definição de novas gerações e identidades sociais, o tempo histórico-social é ponto chave, pois é com o processo de mudança que se deu nas gerações anteriores que as gerações posteriores irão se moldar (FAUSTO, 2001; BOULOS JÚNIOR, 2003; FEIXA; LECCARDI, 2010).

Começamos em 1930, quando Getúlio Vargas assumiu a presidência com o apoio norte-americano e instaurou uma ditadura que durou até 1945; por mais que o presidente não quisesse participar da 2ª Guerra Mundial, o país acabou participando devido aos apelos da população. Após sua queda, houve a primeira eleição democrática após 15 anos de regime ditatorial, despertando um grande interesse na população, comprovado pelo aumento de 4,3 milhões de eleitores votando, o que culminou na vitória do general Eurico Gaspar Dutra (FAUSTO, 2001; BOULOS JÚNIOR, 2003; FEIXA; LECCARDI, 2010).

Nesse período, o povo estava surpreso com seu próprio poder, achando que por sua conta, fizeram com que a ditadura acabasse e que o governo voltasse a ser democrático. E ao iniciar o mandato, Dutra promulgou a nova Constituição brasileira, definindo o Brasil como uma República federativa, com sistema de governo presidencialista, concedendo aos alfabetizados maiores de 18 anos o direito e a obrigação de votar, e promovendo igualdade entre homens e mulheres no plano dos direitos políticos (FAUSTO, 2001; BOULOS JÚNIOR, 2003).

Em 1951, Vargas retorna à presidência, promovendo medidas para incentivar o desenvolvimento econômico do país⁴, com ênfase na industrialização; porém, acaba gerando aumento da inflação e preocupação aos trabalhadores afetados pelo alto custo de vida. Sem saber lidar com as reivindicações, em 1954 Vargas reage de

⁴ Na era Vargas, alguns direitos trabalhistas foram concedidos à população como: o salário mínimo, a carteira de trabalho, a jornada de trabalho de oito horas, as férias remuneradas, a previdência social e o descanso semanal. Além disso, a Consolidação das Leis Trabalhistas (CLT) regulamentou o trabalho das mulheres e dos menores de idade e o estabelecimento da obrigatoriedade do Fundo de Garantia por Tempo de Serviço (FGTS). Nessa época se deu a legislação sindical, que reprimia os sindicatos autônomos existentes, permitindo a outras categorias o direito aos sindicatos. Toda essa questão trabalhista conferiu a Vargas “o título de *pai dos pobres* e o converteu no mais importante representante da nossa classe em toda a história republicana brasileira” (ANTUNES, 2006, p. 84).

maneira drástica e inesperada suicidando-se, e com isso abala a população do país todo (FAUSTO, 2001; ANTUNES, 2006; BOULOS JÚNIOR, 2003).

Em 1955, Juscelino Kubitschek se torna presidente, mantendo anos de estabilidade política e otimismo da população pelos altos índices de crescimento econômico promovidos pelo Programa de Metas, que levou à concentração de grandes empresas multinacionais e automobilistas em São Paulo. Porém, os gastos governamentais para manter a industrialização e a construção de Brasília levaram o país a crescentes déficits do orçamento federal, aumento na inflação e na dívida externa do Brasil (FAUSTO, 2001; BOULOS JÚNIOR, 2003).

Os presidentes seguintes, a saber Jânio Quadros em 1960 e João Goulart em 1961, nada fizeram quanto à esses problemas, e preocuparam-se com temas considerados “desproporcionais” (FAUSTO, 2001, p. 241, grifo do autor), como por exemplo a proibição de biquínis e lança-perfume; repassando para a bancada militar e para a população muita incerteza e medo. Além disso, Goulart foi acusado de comunismo por propor a reforma agrária, a redução da dívida externa, o desenvolvimento do país sem o sacrifício da classe trabalhadora, o combate ao analfabetismo, entre outras medidas (BOULOS JÚNIOR, 2003).

Em 1964, institui-se o golpe político-militar, com a deposição de João Goulart. O Ato Institucional nº 1 (AI-1) é editado pelos militares, prevendo a suspensão dos direitos políticos dos opositores, e ocupando a presidência com os seguintes militares: o general Humberto de Alencar Castello Branco (1964), o marechal Costa e Silva (1967), os generais Emílio G. Médici (1969), Ernesto Geisel (1974) e João Baptista de Oliveira Figueiredo (1979). Em 1968, o AI-5 é editado, e torna o regime abertamente ditatorial, reprimindo com muita violência (através de assassinatos, torturas, desaparecimentos, prisões, exílios) a oposição, cada vez mais intensa. Concomitantemente à repressão da guerrilha, o país vive um momento de desenvolvimento econômico, conhecido como “o milagre econômico brasileiro”, de forma que, apesar da revolta popular, o Governo Militar mantém sua credibilidade (FAUSTO, 2001; BOULOS JÚNIOR, 2003; NAPOLITANO, 2014).

Ao mesmo tempo, paradoxalmente, aumentam as desigualdades sociais entre as classes, a economia do país passa a demonstrar sinais de crise, principalmente pelo aumento do preço do petróleo e da dívida externa, e a população começa a reivindicar a recuperação dos seus direitos democráticos. Em 1978 há o fim do AI-5, a crise econômica e política se agrava e as greves e manifestações aumentam. Em

1984, inicia-se o movimento “Diretas Já”, quando a população clama por eleições diretas para presidente da República, elegendo Tancredo Neves (FAUSTO, 2001; BOULOS JÚNIOR, 2003).

Ainda em 1985, Tancredo falece e a presidência passa para o vice José Sarney, o qual, por mais que possuísse um passado marcado pela adesão ao regime militar, assumiu o compromisso com a população de transformar o Brasil em uma sociedade democrática, convocando a Assembleia Constituinte que elaborou a nova Constituição de 1988, vigente até hoje; além disso, lançou diversos planos com o objetivo de retomar o crescimento econômico do país, porém, seus resultados foram momentâneos, não solucionando os graves problemas financeiros do Brasil, como a inflação, a dívida externa e o déficit público cada vez maiores (FAUSTO, 2001; BOULOS JÚNIOR, 2003).

Em 1989 ocorreram as eleições diretas, e em 15 de março de 1990 assume Fernando Collor de Melo, com a proposta de eliminar a corrupção entre os funcionários públicos e combater a hiperinflação. Para atingir tais objetivos, Collor bloqueou as contas correntes e aplicações financeiras, confiscou poupanças, congelou os preços, fechou diversas empresas estatais, iniciou um processo de privatização da economia e extinguiu a moeda então vigente (o cruzado), voltando ao cruzeiro⁵. Como resultado, a hiperinflação ficou relativa, porém, trouxe à tona uma grave recessão econômica, atingindo a população com uma onda de desemprego, queda na produção industrial e no faturamento do comércio (FAUSTO, 2001; BOULOS JÚNIOR, 2003).

Já em 1992, no governo de Itamar Franco, o país beira a instabilidade política, sofrendo com uma grave recessão econômica, levando Fernando Henrique Cardoso (FHC) a Ministro da Fazenda, que, por seguinte, anunciou o Plano Real, para acabar com a inflação e estabilizar a economia. Com o apoio da população em relação ao plano, FHC elaborou seus argumentos de campanha para disputar as eleições de 1994, assumindo a presidência em 1995. Suas principais medidas foram a consolidação do Plano Real, os processos de privatização de empresas estatais, a introdução de programas de transferência de renda (como o Bolsa Escola), além de

⁵ Seu objetivo era reduzir a quantidade de dinheiro disponível, para controlar os preços e a inflação; porém teve efeito contrário já que os trabalhadores faziam toda a compra no dia em que recebiam o salário (O BRASIL, 2013).

reformas econômicas que geram efeitos positivos até hoje (FAUSTO, 2001; BOULOS JÚNIOR, 2003).

Sabemos que o exposto não esgota a apresentação do contexto todo, mas oferece tão somente um panorama geral para que possamos seguir analisando o nosso objetivo de estudo. A esta altura, o leitor pode estar se perguntando: *Mas o que a História do Brasil tem em comum com o conceito de geração e suas classificações? Qual a importância de vincular uma coisa à outra?* Vejamos então quais são as repercussões da história na formação das gerações brasileiras.

4 REPERCUSSÕES DA HISTÓRIA DO BRASIL NAS GERAÇÕES

Cada geração possui sua maneira de pensar, sentir, agir e se posicionar; cada geração vivenciou e/ou vivenciará determinados momentos sócio históricos, e cada momento vivenciado por uma geração irá contribuir para esculpir a cultura da sociedade naquele momento. E é essa cultura lapidada pelos acontecimentos que irá influenciar na maneira de ser e agir dos indivíduos de uma geração (BECHARA, 2011; CALLIARI; MOTA, 2012; MARCHETTI, 2013; FALASTER; FERREIRA; REIS, 2014).

Com isso, retornamos à curiosidade primordial deste trabalho que se divide em diversos questionamentos: Como os jovens de hoje veem o futuro? Qual o ideal de futuro pessoal e profissional que esses jovens possuem? Com o que sonham? Do que gostam? O que querem/desejam? O que valorizam? O que desprezam? O que rejeitam? No que acreditam? Pelo que lutam ou lutariam? E o que os levou a isso? Enfim, quais são as características de identidade da geração Y, jovens e adultos jovens da atualidade?

Segundo Marx (s/d apud VYGOSTKY, 1994), as mudanças históricas que se dão na sociedade e na vida material do homem produzem mudanças na sua natureza, seja na consciência ou no comportamento. Vygotsky foi o primeiro autor da Psicologia a tentar relacionar tal ideia com questões psicológicas concretas, elaborando concepções sobre o trabalho humano e o uso de instrumentos como maneiras pelas quais o homem transforma a natureza ao seu redor, e assim transforma a si mesmo. Para ele, a internalização dos sistemas de signos produzidos na cultura do homem provoca transformações no seu comportamento, estabelecendo um elo de ligação entre as formas iniciais e tardias do desenvolvimento individual.

Logo, “o mecanismo de mudança individual ao longo do desenvolvimento tem sua raiz na sociedade e na cultura”. Além dos ideais de Marx, Vygotsky adotou a noção de Blonsky de que o comportamento do homem só pode ser entendido como uma história do comportamento e que as atividades tecnológicas de um povo ou geração, são a chave da compreensão de seu psicológico (VYGOTSKY, 1994, p.10).

Se nos detivermos na análise da visão acerca do trabalho/emprego, por exemplo, cada geração possui uma visão diferente. Constataremos que os *Baby Boomers* viam o trabalho como principal razão de ser no mundo, se dedicando a ele muito mais do que às questões individuais, até mesmo confundindo o emprego com sua própria identidade; já a Geração X, com sua dedicação, respeito, autoridade e fidelidade à organização, via o trabalho como um meio de pagar as contas e que, devido à revolução econômica no Brasil, o famoso milagre econômico brasileiro, buscou criar seus filhos com oportunidades e experiências que eles mesmos não tiveram (LADEIRA, COSTA E COSTA, 2013; FALASTER, FERRIRA E REIS, 2014).

É muito comum ver profissionais da geração *Baby Boomers* e da geração X “chutando o balde”; são profissionais até então bem-sucedidos, com cargos muito bem remunerados e carreiras consolidadas, muitas vezes com mais de 10 anos que largam tudo para pintar, estudar fotografia, gastronomia, entre outros. Buscam aquilo que realmente lhes dá prazer e os deixa felizes. Já a geração Y cresceu com o incentivo de não se sujeitar à tarefas subalternas de início de carreira, e a buscar empregos que lhes proporcionem salários ambiciosos desde cedo, além de ser aquilo que eles realmente querem e lhes deixam felizes (MEYER, 2017).

De acordo com Falaster, Ferreira e Reis (2014), a geração Y se caracteriza como uma “Geração Eu-Eu-Eu” (p.2)⁶, ou seja, jovens que colocam suas necessidades individuais acima do coletivo, com uma grande impulsividade e baixa tolerância à frustrações, além de serem indivíduos dinâmicos e inovadores, inconstantes e relutantes ao lidar com autoridade. Isso se vê na facilidade da mudança de emprego quando não se satisfazem nos interesses pessoais e/ou profissionais. Seu ideal de trabalho está relacionado a algo que lhe dê prazer. Diante desse cenário, as empresas necessitam se preocupar com o comportamento de tal geração a fim de investir em mudanças, se adaptar às práticas e sistemas de incentivos e com a

⁶ A partir deste trecho, se caracteriza a identidade da Geração Y, apresentando de maneira mais aprofundada o “posicionamento” que tal geração possui, conceito de Mannheim citado anteriormente.

dotação dos recursos humanos necessários (LADEIRA; COSTA e COSTA, 2013; LEVENFUS org, 2016).

Os jovens dessa geração buscam empresas que os tratem de maneira individual, ofereçam oportunidades de crescimento e evolução na carreira, uma rotina de trabalho variada e que tenham a possibilidade de propor uma abordagem mais dinâmica e inovadora. Um estudo publicado em 2013 pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada, divulgou que os jovens brasileiros possuem uma facilidade enorme em adentrar no mercado de trabalho, mas uma enorme dificuldade em se manter em um mesmo emprego por muito tempo (IPEA, 2013; FALASTER, FERREIRA E REIS, 2014).

Os desligamentos se dão tanto por parte da empresa quanto por parte dos jovens, e isso mostra uma evidência da necessidade de as empresas se adequarem às novas gerações. Por possuírem uma autoestima muito elevada e se verem em um *mar de ofertas de empregos*⁷, os jovens da Geração Y se demitem e vão em busca de empresas que possam oferecer atributos que os valorizem, já que eles são *especiais demais e merecem esse tipo de tratamento*, e por fim, o verdadeiro talento é escasso (IPEA, 2013; FALASTER, FERREIRA E REIS, 2014, grifo nosso).

Como os *Baby Boomers* nasceram após o final da 2ª Guerra, pensava-se que nasceram em um mundo muito melhor do que o de seus pais, além de todo o movimento de reconstrução que a sociedade vivenciava. Essa geração fora criada dentro de padrões disciplinares rígidos, tanto no ambiente familiar quanto no ambiente educacional e profissional; nessa época, qualquer tipo de objeção não era bem aceita, e os que infringiam ou tentavam infringir as regras eram castigados e punidos. É devido a esse tipo de criação que os jovens desta geração foram em busca de liberdade, se rebelando, por exemplo, através das músicas onde manifestavam suas insatisfações. Sua juventude fora caracterizada pela luta contra o poder e a exigência de mudanças. Tal geração se define de acordo com os resultados que alcançam, colocando o trabalho à frente de tudo, inclusive da própria família e vida pessoal (LADEIRA, COSTA e COSTA, 2013).

⁷ Tal condição se relaciona a um momento político econômico que já mudou nesses poucos anos dessas publicações, e vemos isso. O impacto dessa mudança é contraditório: em alguns casos, obriga os jovens a se conformar com as possibilidades do mercado, em outros, gera ainda mais dependência dos pais, conforme discutiremos adiante, na página 13.

A Geração X se dá em um contexto de mudança, a estrutura familiar muda, esses indivíduos são filhos de pais e mães que trabalhavam fora, de pais divorciados, testemunhando a quebra de padrões sociais e morais arcaicos que, outrora significavam a base e fundamento para a maneira que deveriam viver. A educação fora influenciada pela televisão, os pais castigavam os filhos limitando seu acesso aos programas de TV favoritos. E pela grande influência da TV, cresceram mais atraídos aos apelos consumistas, e tiveram contato com as inovações tecnológicas (videocassete, computador pessoal, videogame e internet) (LADEIRA; COSTA e COSTA, 2013).

Dentro desta mesma geração, podemos encontrar jovens com características e estilos de vida diferenciados, como os “*Hippies*” por exemplo, que participavam de manifestações e movimentos estudantis, buscando direitos iguais; os “musicais”, que manifestavam seus valores e posições político-ideológicas através da música e das danceterias; os “familiares”, aqueles que aceitaram a disciplina imposta pelos pais, e buscavam uma estabilidade financeira com o objetivo de construir família; e os “*Workaholics*”, que colocaram o trabalho como foco principal da vida. Tal geração cresceu com um certo egoísmo, e dentre suas principais preocupações a criação dos filhos se destacava; como seus próprios pais passaram pouco tempo com eles, decidiram fazer exatamente o contrário com os filhos: queriam proporcionar-lhes tanto experiências quanto bens que eles mesmos não tiveram (LADEIRA, COSTA e COSTA, 2013, grifo do autor). Agora que já compreendemos as implicações históricas, é possível tentar entender como uma geração recebe influências da geração anterior.

5 A CRIAÇÃO – INFLUÊNCIA DE UMA GERAÇÃO SOBRE A OUTRA

Por mais que os pais da Geração Y quisessem se dedicar mais à criação dos filhos, passando mais tempo com estes, ao contrário do que eles mesmos vivenciaram com os próprios pais, isso não aconteceu. A Geração Y cresceu com os pais dedicados à carreira profissional e demais desejos próprios. Cresceram no meio da globalização e da cultura de diversidade, se mantendo, desde o início, conectados à internet e ao avanço tecnológico. Como os pais se encontravam mais no ambiente profissional do que no familiar, estas crianças da Geração Y eram deixadas com os avós ou babás, em creches ou escolas de período integral; recebiam brinquedos ou

aparelhos eletrônicos; e até frequentavam cursinhos, talvez com o intuito de suprir essa ausência dos pais. Logo, cresceram desacostumados com a hierarquia e ambientes autoritários, pois quando se encontravam em casa com os pais, estes estavam cansados demais devido às suas rotinas, sendo inclusive excessivamente permissivos (LADEIRA, COSTA e COSTA, 2013).

Foram criados como “especiais”, sendo que cada indivíduo da Geração Y era o protagonista da própria história, por isso saem de um emprego para outro em busca de uma empresa que ofereça condições de trabalho afinadas às suas expectativas. Seus pais sabiam que deveriam trabalhar arduamente para se consolidar profissionalmente, e, por “sorte” talvez, viveram em um momento econômico melhor, obtendo resultados melhores do que aqueles que eles esperavam realmente. Com isso, a Geração Y cresceu com a ideia de que poderiam fazer tudo o que quisesse, e que poderia trabalhar com aquilo que gostasse, tal criação levou à ideia errônea de que apenas com isso obteriam sucesso profissional (URBAN, 2003; LADEIRA, COSTA e COSTA, 2013).

Os jovens da Geração Y que se encontram no mercado de trabalho atualmente, o fazem para sobreviver, e não colocam o trabalho em primeiro lugar em suas vidas, como as gerações anteriores faziam. São sujeitos individualistas e possuem uma pressa enorme em ascender no mercado de trabalho e consolidar-se profissionalmente, esquecendo-se de que uma boa carreira se constrói em cima de muito esforço e dedicação, além da realidade do mercado de trabalho ser muito diferente de seus sonhos e desejos (LADEIRA, COSTA e COSTA, 2013).

Além disso, cresceram com a ideia de que todo mundo pode e vai ter uma boa carreira, mas como eles são especiais, prodigiosamente magníficos, de um jeito incomum vão se destacar em meio à multidão. Com isso, creem que o trabalho deva ser fonte de satisfação e aprendizado, modificando o entendimento de carreira, promoção, estabilidade e vínculo profissional. Por se encontrarem imersos na interatividade e hiperestimulação do ambiente digital e da internet, o computador já não é mais apenas uma ferramenta de trabalho, é também um meio de lazer e socialização (URBAN, 2003; LADEIRA, COSTA e COSTA, 2013).

Mas tal imersão no mundo da internet não traz somente prazer à essa geração. Esses jovens podem vivenciar um grande sofrimento e desprazer com as redes sociais, pois, em um *ambiente* onde cada um constrói seu próprio perfil, adicionando as informações que quer da maneira que deseja, só pode-se esperar muita

artificialidade e falsas informações. Os jovens da Geração Y visualizam os perfis de seus colegas e testemunham feitos incríveis, como viagens, festas, sucessos acadêmicos e profissionais, ou seja, uma versão “maquiada” e melhorada de si mesmos e de suas realidades, enquanto tendem a esconder situações não tão agradáveis e/ou de fracasso. E isso pode suscitar certo ciúme, inveja, frustração e desprazer diante de suas próprias vidas. Mas, ao somarmos jovens que possuem uma visão inflada sobre si mesmo, expectativas fora da realidade e uma grande resistência em aceitar críticas negativas com a exposição ao suposto sucesso de seus colegas (pessoais e profissionais), é razoável supor que o resultado levaria o sujeito ao sofrimento (URBAN, 2003; LADEIRA, COSTA E COSTA, 2013, grifo nosso).

6 O QUE ACONTECE COM ESSES JOVENS – POSSÍVEIS CONSEQUÊNCIAS

Frente ao exposto, pode-se levantar uma das tantas características da geração Y: o narcisismo. Narcisista é alguém que trata o seu próprio corpo da mesma maneira que normalmente se trata o corpo de um objeto sexual (alguém que se ama), contemplando-o, afagando-o e acariciando-o até obter uma satisfação completa. Vivendo da maneira como vive a Geração Y, não há como não os vermos desse modo, individualistas (pensando na maioria das vezes em si mesmo), hedonistas (no seu próprio prazer) e intolerantes à frustração (na incessante luta contra desprazeres e sofrimentos), o que não corresponde com a vida como ela de fato se apresenta (FREUD, 1996).

Como Freud (1916) comenta em seu texto *Sobre o narcisismo: uma introdução (1914)*, que sujeitos que vivenciaram algum tipo de perturbação no desenvolvimento libidinal, podem vir a escolher como objetos amorosos, não suas mães e pais (e/ou pessoas que os representem na vida amorosa adulta)⁸, mas seus próprios eus. “Procuram inequivocamente a *si mesmas* como um objeto amoroso, e exibem um tipo de escolha objetal que deve ser denominado narcisista”. Não quer dizer que os seres humanos vêm a se dividir em dois grupos de escolha objetal, mas que qualquer um pode possuir ambos os tipos, embora possa demonstrar uma preferência por um ou outro, de acordo com o desenvolvimento vivenciado e a criação que teve.

⁸ Para a Psicanálise, o psiquismo adulto se faz a partir de uma reedição das experiências infantis, período no qual as figuras parentais exercem mais influência e são internalizados como os primeiros objetos de amor da criança.

A Psicanálise freudiana também aponta que o comportamento afetuoso que um pai/mãe tem para com o seu filho demonstra uma revivescência e reprodução do seu próprio narcisismo que há muito tempo abandonaram. Com isso, se vê na compulsão de conceder todas as perfeições ao seu filho, deixando de lado qualquer deficiência ou imperfeição. Pode-se notar isso na maneira em que a Geração X criou a Geração Y, proporcionando aos seus filhos coisas que eles mesmos nunca tiveram, buscando sanar, talvez, suas “próprias necessidades e desejos” através dos filhos. Logo, o filho irá se divertir mais que o pai se divertiu quando pequeno, não irá passar nenhuma necessidade que os pais tenham vivenciado, entre outros (FREUD, 1916, grifo nosso).

De acordo com Freud (1916) a criança irá realizar os sonhos que os pais jamais conseguiram conquistar: o menino será um grande homem e herói que o pai não conseguiu ser, e a menina irá se casar com um príncipe com quem a mãe não casou:

“[...] a imortalidade do ego, tão oprimida pela realidade, a segurança é alcançada por meio do refúgio na criança. O amor dos pais, tão comovedor e no fundo tão infantil, nada mais é se não o narcisismo dos pais renascido, o qual, transformado em amor objetal, inequivocamente revela sua natureza anterior.” (p.98).

Kamers, Mariotto e Voltolini (2015) corroboram, afirmando que os pais projetam seus sonhos e desejos nos filhos, esperando que os filhos façam o que eles não fizeram e/ou não puderam fazer e ser, investindo uma grande carga emocional e libidinal na criação dos mesmos. Os pais buscam proteger os filhos dos “nãos” que a vida nos proporciona, levando-os a crescer dentro de uma “redoma de vidro”.

E com isso os jovens da geração Y sofrem. E isso acontece devido ao crescimento mental ser diferente e não se dar na mesma medida em que o crescimento físico. O crescer, segundo Martinez (2013), é vivenciar o luto pela identidade infantil, conseguir lidar com a realidade que pode vir a ser mais ou menos frustrante no cotidiano de nossas vidas, complexa, inexata e contraditória. É nos responsabilizarmos pelas nossas próprias escolhas, deixando de culpar outros pelos resultados de nossas ações. “Implica conseguirmos olhar o mundo de maneira mais realista e menos cor-de-rosa, mas também menos preto e branco” (p. 171). Crescer é suportar a dor do crescimento, a inveja alheia pelo próprio crescimento e, também, a própria inveja pelo crescimento genuíno do outro (MARTINEZ, 2013).

Quando o jovem da Geração Y se depara com a necessidade de realizar escolhas e agir no mundo em busca de seu próprio sustento e sobrevivência, este julga seus pais por não o terem ensinado o *caminho das pedras*, ou seja, o caminho

das dificuldades que temos de viver e percorrer para alcançar nossos objetivos. E agora esses jovens crescidos, frente ao mundo e o mercado de trabalho, estão se deparando com essas dificuldades (essas pedras no caminho), pensando que *“ninguém me avisou”, “achei que ia ser uma felicidade sem fim”* e até *“vocês não me prepararam para isso”*. Infelizmente, em muitas situações, principalmente pelo fato de não conseguirem suportar a dor do crescimento ou a frustração e o sofrimento que isso traz, muitos se perderam pelo caminho, não se encontrando mais (MARTINEZ, 2013, grifo nosso).

Outra coisa que pode acontecer com a Geração Y é os pais se apegarem a eles pelo simples fato de não quererem encarar a dor do crescimento. Ao se deparar com o filho crescendo, os pais passam a vivenciar coisas como: O que eu fiz com a minha vida? Como está meu casamento? Estou feliz? Entre outros. E aí, a situação se transforma em um jogo de culpas: *“você não cresce e eu também não. Afinal, eu fiz tanto por você!”* (MARTINEZ, 2013 p.175).

E isso acontece muito mais do que imaginamos, onde vemos os jovens da Geração Y se colocando em situações desconfortáveis, batendo o carro dos pais e não arcando com custos dos reparos; mudando incessantemente de cursos de graduação, por vezes não concluindo nenhum e, na maioria das vezes, estudando apenas em instituições particulares, onde os pais irão arcar com os gastos dessa educação; ou inclusive, a dificuldade de manter um emprego fixo a fim de buscar sua própria moradia e sobrevivência, muitas vezes trazendo o cônjuge para morar na casa dos pais (e em algumas situações, tendo até filhos, que os pais irão cuidar e sustentar para que ele possa sair); enfim, os chamados *“filhos parasitas”*.

7 CONCLUSÃO

Como pode-se observar ao longo do texto, cada geração é marcada pela cultura que vive, sendo esta influenciada pelos acontecimentos sociais, históricos, políticos e econômicos que se desenrolam no decorrer do tempo. Cada Geração apresentada, através da contextualização histórica do Brasil após a 2ª Guerra mundial possui suas próprias características e maneiras de ser, sendo muito diferentes uma da outra.

Dentre todas as gerações estudadas neste trabalho, a Geração Y parece ter sido a mais mimada, recebendo de seus pais tudo aquilo que eles mesmos não

tiveram de seus próprios genitores, desenvolvendo uma certa identidade narcisista. Tal geração se preocupa muito com o prazer que irá ter ao realizar qualquer atividade, seja ela pessoal ou profissional, como estudos e trabalho. E tudo aquilo que lhe traz desprazer lhe gera desconforto, aversão, levando-o a abandonar tal situação. Obviamente, como o próprio Freud sugeriu, as ações humanas sempre são no sentido de evitar o desprazer, porém, o prazer absoluto também é impossível, pois temos que lidar com desejos que não podem ser satisfeitos.

Assim, os jovens desta geração estão vivenciando cada vez mais sofrimento e desprazer, graças ao tipo de pensamento e modo de agir que possuem em relação à própria vida. Só querem trabalhar naquilo que gostam de fazer, não querem dispendir esforços para alcançar seus objetivos, que são os mais altos possíveis e querem isso “para ontem”. Não conseguem arcar com a gama de sentimentos desgostosos que os invadem quando se deparam com a vida perfeita e cheia de sucessos de seus colegas nas redes sociais, sem parar para pensar que talvez aquilo tudo não corresponda a realidade.

Mas tal geração não é merecedora apenas de críticas. É uma geração que, por se preocupar demais com seus próprios sentimentos, sucessos e fracassos, dá maior atenção à sua saúde mental, e à importância do próprio psicológico no desenvolvimento de sua vida, pessoal ou profissional. Diferente das gerações anteriores que veem tais coisas como desnecessárias ou como perda de tempo, a Geração Y está mais engajada em buscar aquilo que lhe faça feliz, não aceitando nada menos que isso, com isso, procurando por terapia. E de certa forma, não está errada. O que pode atrapalhar este tipo de pensamento é a maneira com que podem vir a agir em busca dessa felicidade, prazer e sucesso. Não aceitar nada menos do que aquilo que se imagina merecer é uma coisa, não querer dispendir nenhum esforço para alcançar isso é outra. E, infelizmente, isso é uma característica negativa de tal geração.

WHICH ARE THE IDENTITY CHARACTERISTICS THAT GENERATION Y HAS BEEN DEVELOPING?

Abstract: The present paper's objective is to investigate and describe the expectations of the current youth about their future both personal and professional, in order to do so, we search to understand the whole identity of Generation Y. This study was executed through a bibliographical research, giving preference to the contents

elaborated in the last five years. It is known that one of the characteristics of the new generations is the manifestations of a *modus vivendi* differentiated from that presented by previous generations, therefore, it was outlined as specific objectives to define the concept of generatino and the generations existing after the World Wars II, contextualize the historical scenario of them, understand the reasons for these behavioral changes between generations and unveil the identity of Generation Y. Individuals born at the same time and experiencing the same changes become a generation; each one has its own characteristics, due to the culture of its time and the events experienced. It was possible to realize that Generation Y is a generation turned to pleasure itself, experiencing sufferings and frustrations while, at the same time, seeking to avoid these feelings incessantly due to the simple fact that they can't deal with such a range of emotions. But besides of this, Generation Y is one of the first generations to care about mental health, and the importance of its own psychological in the development of his personal and professional life.

Keywords: Psychology. Generation. Youth. Identity. Culture.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, R. De Vargas a Lula: caminhos e descaminhos da legislação trabalhista no Brasil. **Revista Pegada**, São Paulo, v. 7, n. 2, p. 83-88, 2006. Disponível em: <<https://goo.gl/Hqr5n1>> Acesso em: 08 abr. 2017.

BECHARA, E. **Dicionário da Língua Portuguesa Evanildo Bechara**. 1. ed. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2011.

BENEDICT, R. **Padrões de cultura**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

BOULOS JÚNIOR, A. **História: sociedade & cidadania**. 1. ed. Coleção História, Sociedade & Cidadania. São Paulo: FTD, 2003.

CALLIARI, M.; MOTTA, A. **Código Y: decifrando a geração que está mudando o país**. São Paulo: Évora, 2012.

DICIONÁRIO DO AURÉLIO ONLINE. **Dicionário português**. 2017. Disponível em: <<https://goo.gl/Bb472w>> Acesso em: 24 fev. 2017.

FALASTER, C. D.; FERREIRA, M. A. S. P. V.; REIS, C. Atributos que atraem a Geração Y na escola do emprego ideal: uma análise a partir da perspectiva de estudantes veteranos. In: XXXVIII Encontro da ANPAD. **Anais eletrônicos**. Rio de Janeiro – RJ, 2014. Disponível em: <<https://goo.gl/hcAcZG>> Acesso em: 25 mar. 2017.

FAUSTO, B. **História concisa do Brasil**. São Paulo: Edusp/Imprensa Oficial do Estado, 2001.

FEIXA, C.; LECCARDI, C. O conceito de geração nas teorias sobre juventude. **Revista Sociedade e Estado**, v. 25, n. 2, p. 185-204, mai./ago. 2010. Disponível em:

<<https://goo.gl/9SJgY7>> Acesso em: 24 fev. 2017.

FERREIRA, G. L. S. **O paradoxo do controle nas redes sociais online**. Universidade de Brasília, 2013. Disponível em: <<https://goo.gl/nGZSPC>> Acesso em: 10 mar. 2017.

FREUD, S. 1856-1939. Obras Psicológicas completas de Sigmund Freud: edição standard brasileira. **Sobre o narcisismo: uma introdução (1914)**. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1991.

IPEA. A rotatividade dos jovens no mercado de trabalho formal brasileiro. In: **Mercado de Trabalho: Conjuntura e Análise**, v. 1, p. 23-30, 2013. Disponível em: <<https://goo.gl/R8NNUC>> Acesso em 03 mar. 2017.

KAMERS, M.; MARIOTTO, R. M. M.; VOLTOLINI, R. Por uma (*nova*) psicopatologia da infância e da adolescência. **Psicopatologia dos transtornos de comportamento**. p. 267-288. São Paulo: Escuta, 2015.

LADEIRA, L.; COSTA, D.; COSTA, M. O conflito de gerações e o impacto no ambiente de trabalho. In: **IV Congresso Nacional de Excelência em Gestão**, São Paulo, p. 1-19, 2013. Disponível em: <<https://goo.gl/4XzOCv>> Acesso em 03 mar. 2017.

LARAIA, R. B. **Cultura: um conceito antropológico**. 22. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.

LEVENFUS, R. S. org. Orientação vocacional e de carreira em contextos clínicos e educativos. **Ser adolescente no século XXI**. pp. 13-23. Porto Alegre: Artmed, 2016.

MANNHEIM, K. The Sociological problema of generations. In: **Essays on the sociology of knowledge**. P. 286-312. Londres, Routledge & Kegan Paul. 1952.

_____. **Das problem der generationen**. Kölner Vierteljahreshefte für Soziologie 7. S. 157-185, 309-330. 1928. Disponível em: <<https://goo.gl/L447I4>> Acesso em: 03 mar. 2017.

MARCHETTI, C. B. Uma análise sobre a teoria das gerações. **Revista InterAtividade**, v. 1, n. 2. Andradina, 2013. Disponível em: <<https://goo.gl/2Po2oE>> Acesso em 24 fev. 2017.

MARTINEZ, A. L. M. **O divã no dia a dia: crônicas do cotidiano sob o olhar da psicanálise**. Ribeirão Preto, SP: IEALD, 2013.

MEYER, M. **Quais as diferenças entre as gerações X, Y e Z e como administrar os conflitos?** Disponível em: <<https://goo.gl/XKZj1s>> Acesso em: 08 abr. 2017.

NAPOLITANO, M. **1964: história do regime militar brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2014.

NERI, J. H. P. Mídias sociais em escolas: uso do whatsapp como ferramenta pedagógica no ensino médio. **Estação Científica** – Juiz de Fora, n. 14, jul./dez. 2015. Disponível em: <<https://goo.gl/FsSX4s>> Acesso em 03 mar. 2017.

O BRASIL deu certo. E agora? Direção de Louise Sottomaior. Idealizado por Maílson da Nóbrega. Brasil: Cultura Maior. 2013. DVD (70 min). Disponível em: <<https://goo.gl/cQwg4T>> Acesso em: 04 abr. 2017

RUIZ, J. A. **Metodologia científica:** guia para eficiência nos estudos. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

SANTOS, C. G. et al. Proposta de *checklist* para verificação de acessibilidade em buscadores *web*. In: XVI Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação. **Anais eletrônicos**. João Pessoa – PB, 2015. Disponível em: <<https://goo.gl/W68swD>> Acesso em: 10 mar. 2017.

SOUZA COSTA, A. C. et al. Comunicação instantânea. In: Jornada Acadêmica da UEG campus Santa Helena de Goiás, v. 5, n. 1. **Anais eletrônicos**. 2011. Disponível em: <<https://goo.gl/y7i9Te>> Acesso em 10 mar 2017.

URBAN, T. **Why Generation Y Yuppies are Unhappy**. Wait But Why. Set. 2003. Disponível em: <<http://goo.gl/4AZQIH>> Acesso em 25 mar. 2017.

VYGOTSKY, L. S. 1896-1934. **A formação social da mente:** o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

WELLER, W. A atualidade do conceito de gerações de Karl Mannheim. **Revista Sociedade e Estado**, v. 25, n. 2, mai./ago. Brasília, 2010. Disponível em: <<https://goo.gl/iYa2Ss>> Acesso em: 24 fev. 2017.